

TRANSGENERIDADE NO SERTÃO ROSIANO: AS PERFORMANCES EM TRAVESSIA DE DIADORIM

TRANSGENERISMO EN EL SERTÃO ROSIANO: LAS PERFORMANCES DE DIADORIM EN TRAVESSIA

João Pedro Fradique de Lima¹
Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti²

Resumo: o presente artigo emerge em função da inquietação dos autores diante das análises desenvolvidas por grande parte da crítica literária brasileira sobre o personagem de Diadorim, doravante, referindo-lhe no masculino, intencionando reafirmar a masculinidade performada por ele, silenciando as questões de gênero e sexualidade que estão presentes na obra em vista de sua relação de amor-amizade com Riobaldo e, por vezes, na tentativa de domar as suas potencialidades de interpretação, adequando-as e, por consequência, reduzindo-as aos limites da cisheteronormatividade. Mediante um arcabouço teórico-conceitual que envolve os estudos de gênero em Linguística Aplicada Indisciplinar, propomos uma análise linguístico-literária que busca reconhecer Diadorim na condição de uma Transgêneridade Guerreira, nos dizeres de Maia (2018). Além disso, buscamos investigar como a identidade de Diadorim, na condição de uma mulher, é construída discursivamente por meio da descoberta de Riobaldo ao se aproximar das características de seu corpo, após sua morte, como uma forma de justificar seu desejo por seu amante-amigo.

Palavras-chave: Grande Sertão: Veredas, performatividades, gênero, sexualidade.

Resumen: este artículo surge de la preocupación de los autores respecto a los análisis desarrollados por gran parte de la crítica literaria brasileña sobre el personaje de Diadorim, a partir de entonces siempre referido en masculino, con la intención de reafirmar su masculinidad, silenciando las cuestiones de género y sexualidad que emergen en la obra a través de su relación amorosa-amistosa con Riobaldo y, en ocasiones, intentando moderar su potencial interpretativo, adaptándolo y, en consecuencia, reduciéndolo a los límites de la cisheteronormatividad. A través de un marco teórico que involucra los estudios de género en la Lingüística Aplicada Indisciplinaria, proponemos un análisis lingüístico-literario que busca reconocer a Diadorim como un guerrero transgénero en palabras de Maia (2018). Además, buscamos investigar cómo la identidad de Diadorim como mujer se construye discursivamente a través del descubrimiento por parte de Riobaldo de las características de su cuerpo después de su muerte, como una forma de justificar su deseo por su amante-amigo.

Palabras-clave: Grande Sertão: Veredas, performatividad, género, sexualidad.

1 INTRODUÇÃO

O artigo em tela é fruto de uma pesquisa mais ampla, realizada em 2024, oriunda de uma monografia, em um contexto de formação de professores/as, no Curso de Licenciatura em Letras-Português, na Rede Federal de Ensino de Educação de Alagoas. Com a intenção de cumprir o requisito de um trabalho de conclusão de curso de um dos autores deste manuscrito, a saber: o mestrando pelo PPGLL/Ufal, João Pedro Fradique de Lima, que resultou em um artigo publicado em periódico qualificado sob o título de “O diabo na rua, no meio do redemunho...”: o *Queer*/Cu-ir em “Grande Sertão: Veredas”, sob a orientação do Prof.Dr.Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti (Ifal).

¹ Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Graduado em Letras- Português pelo Instituto Federal de Alagoas (Ifal) Campus Maceió.

² Professor Titular do Instituto Federal de Alagoas (Ifal), Campus Maceió. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/Ifal). Doutor e pós-doutor em Linguística.

Mediante o contato com obras como “História Concisa da Literatura Brasileira de Alfredo Bosi (2006) e “História da Literatura Brasileira”, de Massaud Moisés (2020), chamou-nos a atenção para, em vista de nossos interesses no contato com o objeto de estudo, como grande parte da crítica especializada brasileira abordou as temáticas de gênero e sexualidade, que vêm à tona em “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa (2019).

Sendo os pesquisadores-autores deste manuscrito e filiados a uma perspectiva de estudos em Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006), com especial ênfase em investigações que enfocam o papel na língua(gem) nos fenômenos sociais na imbricação entre as questões de gênero com as de sexualidade, seja como um mecanismo de exclusão ou de resistência desses indivíduos marginalizados, propomos a realização de uma análise linguística-literária com base nas contribuições de Austin (1965) e Butler (2003 [1990]) no que tange ao caráter performativo da linguagem e, ademais, como Diadorim mobiliza recursos linguísticos e semióticos na construção de suas performances de gênero.

Outrossim, propomos aqui uma leitura já realizada pela crítica literária brasileira de comparar Diadorim a uma das narrativas sobre Donzelas Guerreiras, tão presentes no imaginário popular, tanto ocidental com figuras como Joana D’Arc, quanto oriental, por meio das narrativas de Fah Mulan. Contudo, localizamos Diadorim em dos quatro arquétipos de Donzelas Guerreiras, propostas por Helder Thiago Maia (2018), a saber: uma Transgeneridade Guerreira, tendo em vista que, durante toda a travessia de os Sertões, Diadorim performou uma masculinidade própria e singular, negociando os valores de masculinidade hegemônicos entre os bandos de jagunços, sua subjetividade e os meios utilizados para ocultar as características biológicas atribuídas àquelas lidas como parte do sexo feminino e que, portanto, na lógica tríade sexo-gênero-desejo, mobilizada na construção da naturalização da heterossexualidade, deveriam exercer papéis pré-estabelecidos socialmente e muito diferentes daqueles realizados por Diadorim na sua condição de um jagunço.

Além disso, buscamos desenvolver uma análise sobre a identidade de Diadorim como mulher, sendo construída discursivamente após Riobaldo tomar consciência da morfologia de seu corpo após sua morte, possivelmente, como um movimento de justificativa de seus desejos homoafetivos por seu amante-amigo. ∞³

2 ARCABOUÇO TEÓRICO-CONCEITUAL

A pesquisa empreendida e disposta no presente artigo tem como ponto central de seu referencial teórico as contribuições de Moita Lopes (2006) para a área da Linguística Aplicada (LA). Campos de estudos que passaram por diversas transformações ao longo de seu desenvolvimento, que, inicialmente, esteve centrada na aplicação de teorias linguísticas

³ A lemniscata ∞ se faz presente na primeira versão da obra “Grande Sertão: Veredas”, demarcando o final dos trechos narrados por Riobaldo.

no ensino de línguas estrangeiras para fins específicos; contudo, logo percebeu-se que as teorias linguísticas e o modelo tradicional disciplinar de pesquisa eram insuficientes para abarcar todo o processo de envolve as relações implicadas nos processos de ensino-aprendizagem (Moita Lopes, 2006).

Contudo, o recorte de estudos em Linguística Aplicada aqui abordados estão filiados a uma perspectiva Indisciplinar (Moita Lopes, 2006; 2022). Cabe aqui, nessa direção, uma breve explicação da preferência pelo termo indisciplinar aos comumente utilizados: interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade.

Reconhecer um campo de conhecimento como interdisciplinar implica a possibilidade de conexões com outras disciplinas, campos de saberes herméticos e com definições de atuação e objetos bem delimitados, segundo os pressupostos positivistas de pesquisa, sem que, de maneira alguma, perca-se de vista a conexão com a disciplina-mãe, construindo assim uma hierarquia entre o domínio central da investigação e os saberes de outros campos que, de alguma maneira, contribuem para uma inteligibilidade mais acurada do objeto investigado (Pennycook, 2023).

A transdisciplinaridade, por sua vez, é preferível às abordagens disciplinares e interdisciplinares, que impõem limites entre e para as disciplinas, resultado de um diálogo entre campos de saber de maneira a não os hierarquizar durante o processo investigativo e que resulta numa produção de conhecimento relevante para todos os campos de saber mobilizados, contudo, na perspectiva de Alastair Pennycook (2023), essa abordagem retira de foco os processos de produção e regulação do conhecimento.

Nesse sentido, o contato estabelecido entre os pesquisadores implicados em uma investigação em LA Indisciplinar e outros campos de conhecimento não se dá pelo reconhecimento das contribuições ao dialogar com essas disciplinas, mas pelas mudanças epistemológicas produzidas e discutidas pelos pesquisadores de outros campos de conhecimento e como seus posicionamentos podem lançar luz sobre investigações que tentam compreender o papel central da linguagem nos fenômenos sociais pesquisados.

Nessa acepção, reconhecer a LA como um campo Indisciplinar significa reconhecer esse campo de conhecimento como um amálgama epistêmico que se une em dado contexto histórico e social para produzir inteligibilidade sobre o papel da língua(gem) nos fenômenos sociais, não se tratando de empréstimos, mas do reconhecimento de como as mudanças epistemológicas de outros campos de saber podem contribuir para as perspectivas de estudos em LA, sobretudo, no que diz respeito a consideração da atuação da linguagem, semiótica e do discurso em formas de exclusão ou resistência.

Ainda na direção de uma LA problematizadora, também estamos filiados a uma perspectiva de Estudos *Queer* em LA (Moita Lopes, 2020) e a outros campos que abordam o papel da linguagem na construção das noções de gênero e sexualidade, como é o caso da

Linguística *Queer* (Borba, 2015), da Linguística Aplicada *Queer*/Cu-ir (Cavalcanti, Lima e Moreira, 2023) ou, ainda, Linguística Aplicada Transviada (Bezerra, 2023).

Ao tomar como parte central do referencial teórico campos de conhecimento ligados aos Estudos *Queer*, a investigação em tela se propõe a questionar a naturalização e cristalização de categorias como o gênero e a sexualidade mediante a utilização biopolítica (Domingos, 2020) de discursos psicanalíticos, médicos, legais e de uma perspectiva da moral religiosa judaico-cristã, destacando como a língua(gem), e, em alguma medida, os estudos linguísticos e literários podem excluir corpos/as fora das normatividades impostas pela ideologia hegemônica, ao tempo em que também pode atuar como um dispositivo de resistência.

De maneira complementar, contamos com as contribuições de Judith Butler (2003[1990]) e sua teoria das performatividades. Butler (2003 [1990]) estabelece um diálogo com estudos de Austin (1965) e sua teoria da performatividade linguística, para o autor a linguagem não pode ser reconhecida como uma simples forma de descrição do mundo, mas como ação construída pelos interlocutores, sobretudo, através do reconhecimento do “dizer como um fazer”.

Nesse seguimento, para Austin (1965), alguns enunciados não se limitam a uma descrição da realidade, mas podem expressar uma ordem, um desejo ou uma permissão em determinadas interações, possibilitando uma ação por parte dos(as) interlocutores(as) (Lima e Cavalcanti, 2024). Nessa conjugação, a “virada performativa”, isto é: a popularização de conceitos ou noções de determinado campo do saber que podem vir a propiciar transformações em outras áreas do conhecimento, possibilita que Judith Butler chame atenção para a centralidade da linguagem nas dinâmicas sociais e culturais que produzem e regulam as identidades.

Nesse sentido, duas categorias que emergem da teoria butleriana e são caras para compreensão das noções de gênero e sexualidade, que serão aqui desenvolvidas, são a de performance e a de performatividade. A performance é aqui compreendida como um conjunto de atos corpóreo-discursivos que mobilizam recursos linguísticos e semióticos que localizam a identidade do sujeito em determinado contexto social (Cavalcanti; Fradique; Gonzaga, 2024). Sobre a performance, Gusmão (2022) argumenta que essa deve estabelecer um diálogo com critérios de legibilidade pré-estabelecidos na memória social, seja para reiterar ou romper os significados de performances anteriores. A performatividade, por seu turno, pode ser compreendida como “um conjunto de limitações aos atos performativos, e, por conseguinte, de seus corpos, comportamentos e atos discursivos” (Cavalcanti; Fradique; Gonzaga, 2024, p.5), ou seja, uma estrutura externa aos sujeitos que, coercitivamente, impõe limites e circunscreve os contornos performáticos destes dentro de limites socialmente legitimados e naturalizados (Borba, 2020).

2.1 “GRANDE SERTÃO: VEREDAS”: CONECTANDO DIÁLOGOS

A obra “Grande Sertão: Veredas” é de autoria do ilustre escritor mineiro João Guimarães Rosa, nascido na cidade de Cordisburgo, Minas Gerais, formado em medicina, por volta dos anos 1930, de modo que, pouco depois, ingressou na carreira diplomática, desempenhando funções de grande relevância para o Palácio do Itamaraty e servindo em países como Alemanha, França e Colômbia.

Lançado em 1956, “Grande Sertão: Veredas” pode ser classificado, do ponto de vista estilístico e cronológico, como um romance do Modernismo brasileiro, que logo se destacou por atribuir às produções regionalistas uma perspectiva mítica, metafísica e que dialogava com a cultura popular nordestina, fugindo das ideias realistas que permeavam as obras regionalistas.

Rosa (2019) estabelece cargas sociais e psicológicas em suas obras tensionando as relações semânticas e estéticas (Bosi, 2006; Massaud, 2020), sendo esse o principal aspecto analisado na considerável fortuna crítica da obra. Diante da preocupação sobre como João Guimarães Rosa constrói um ar místico para o Sertão brasileiro, fazendo-se valer de elementos comuns à poética, como aliteraões, alterações morfológicas, com fins estéticos, além de elipses, deslocamentos sintáticos, um vocabulário ao mesmo tempo arcaico e neológico, passaram “despercebidos”, em sua obra, as relações homoafetivas e as questões de gênero trazidas à baila na relação estabelecida entre Riobaldo e Diadorim, ficando tais temáticas relegadas a uma pequena e tímida parcela de estudos.

A análise desses aspectos, principalmente em análises mais clássicas, tendo em vista que a obra foi publicada durante o início do governo do então Presidente Juscelino Kubitschek, no qual os estudos sobre questões de identidade, gênero e sexualidade não possuíam espaços sociais e acadêmicos para promoção de discussões, como contemporaneamente possuímos.

Ainda sobre a lacuna de críticas e análises literárias que tomassem como cerne os tensionamentos sobre gênero e sexualidade e seu papel na construção da relação entre as personagens de Riobaldo e Diadorim, Castro e Bessa (2020) destacam sobre como os ensaios e críticas produzidos durante o lançamento da edição comemorativa de 60 anos de “Grande Sertão: Veredas”, pela editora Companhia das Letras, mantiveram-se afastados dessas temáticas, ignorando o que academicamente estava sendo produzido desde a década de 1990 a respeito da relação homoafetiva dos personagens que protagonizam a obra.

Uma categoria em disputa, que frequentemente aparece nos estudos sobre tradições orais e produções literárias, onde o personagem de Diadorim já está localizado, é a categoria das Donzelas Guerreiras. Maia (2018), em diálogo com Carmen García Surrallés (1989), apresenta seis sequências mínimas presentes em grande parte das narrativas literárias, ou orais, que envolvem as Donzelas Guerreiras:

1. Em um contexto de guerra, um ancião se maldiz por não possuir um filho que possa servir em seu lutar;
2. a filha se oferece para servir no lugar de seu pai;
3. a filha oculta suas características atribuídas ao feminino;
4. o soldado vence a guerra;
5. surge uma desconfiança sobre a identidade do soldado;
6. algum guerreiro se apaixona pelo soldado.

De maneira resumida, uma personagem que é narrada como uma mulher se apresenta para a guerra como um homem e, com efeito, vive um longo período sob essa identidade, ninguém, além dos familiares, sabe sobre a transição entre gêneros da personagem que, costumeiramente, somente é revelada após um grave ferimento ou a morte do soldado, por meio da qual a revelação das características biológicas de seu corpo, que antes estavam ocultas, são utilizadas para justificar a paixão de algum soldado pela personagem que transitou entre os gêneros.

Uma parcela dessas narrativas atribui a esse soldado que transgride os limites da cisheteronormatividade, isto é, uma bravura e uma aptidão para a batalha, de excelências heroicas. Além disso, costuma ser representado como virgem ou assexuado, ao fim da história, podendo ser dividida entre dois caminhos: a) aqueles que voltam a viver como mulher; e b) aqueles que, mesmo após o reconhecimento da transição entre gêneros, são reconhecidos como homens (Maia, 2018).

Helder Thiago Maia (2018) propõe, em seu artigo, uma análise que leva em conta esse processo de transição entre gêneros como um processo de expressão da própria diversidade humana e das subjetividades dos personagens em oposição a análises e a discursos psicanalíticos, que costumeiramente associam essa transição a uma renúncia de mulheres castradas à própria identidade ou, ainda, de mulheres com inveja do falo.

Nessa direção, sugere uma *queerização* da categoria das Donzelas Guerreiras, sugerindo quatro definições que levam em consideração as diferentes vivências das/os personagens e suas expressões de gênero, frequentemente, apagadas pela Crítica Literária e sua relação com os discursos hegemônicos sobre gênero e sexualidade. Dividem-se, portanto, nessa perspectiva, as Donzelas Guerreiras em quatro categorias:

1. Mulheres Masculinas ou masculinizadas: personagens que não foram à guerra e nem viveram como homens;
2. Mulheres Guerreiras: personagens que não viveram como homens, mas foram à guerra;
3. Donzelas Guerreiras: personagens que foram à guerra e, para tanto, viveram como homens temporariamente;
4. Transgeneridades Guerreiras: personagens que viveram sempre que puderam como homens e que foram à guerra.

É diante dessas considerações que aqui propomos uma análise sobre o personagem de Diadorim, que, durante a investigação em tela, referindo-nos no masculino devido ao nosso reconhecimento de sua representação como uma Transgeneridade Guerreira, na obra “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa.

3 METODOLOGIA

A investigação aqui empreendida se propõe a analisar as performances de gênero e sexualidade que afloram da relação de amor-amizade entre Riobaldo e Diadorim, na obra “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa (2019), bem como refletir sobre como Diadorim delinea os contornos de sua masculinidade em conformidade com as performances masculinas hegemônicas nos bandos de jagunços presentes na obra.

Nesse sentido, podemos caracterizar a pesquisa em tela como de natureza qualitativa (Minayo 2012), uma vez que a ênfase se dá em como os conhecimentos são produzidos durante o processo investigativo, principalmente, mediante a utilização da tríade: conhecer-compreender-interpretar.

Dentro do grande espectro de estudos qualitativos, configura-se, mais precisamente, como uma investigação linguístico-interpretativa, tendo em vista que, pesquisas qualitativas, por meio do arcabouço teórico-metodológico utilizado, intencionam investigar o fenômeno por meio dos aspectos e das categorias mais relevantes, tendo em conta os significados atribuídos e as interpretações sociais possíveis do objeto investigado (Cavalcanti, 2016).

Haja vista tais considerações, a investigação, mediante as contribuições da Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006), objetiva compreender como emergem e são tensionadas as performances de gênero e sexualidade na relação entre Riobaldo e Diadorim, bem como os discursos hegemônicos circulantes sobre masculinidades e as expectativas lançadas são negociadas nesse contexto.

Propomos aqui, nessa direção, uma análise linguístico-literária, uma vez que a análise literária desenvolvida está diretamente ligada aos discursos circulantes sobre gênero e sexualidade, articulando um entrecruzamento entre os Estudos Literários e a Linguística Aplicada Indisciplinar.

Na perspectiva de verificar o que já havia sido produzido e que pudesse, de alguma maneira, dialogar e contribuir para o desenvolvimento da análise aqui proposta, realizamos uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) por meio da utilização das seguintes *strings*/descritores de busca: “Grande Sertão: Veredas” AND “Riobaldo” AND “Diadorim” AND “Homoafetividade” AND “Gênero”.

Na plataforma Scielo, não foram encontradas correspondências aos descritores utilizados enquanto que, na plataforma Google Acadêmico, foram localizadas 22 produções

com um recorte temporal de 5 anos, ou seja, produções mais recentes publicadas entre 2021 e 2026, exclusivamente em Língua Portuguesa.

Das 22 produções localizadas, 12 se tratavam de artigos científicos publicados em periódicos qualificados, 1 artigo repetido, 2 citações, 1 tese, 3 dissertações (sendo uma delas desconsiderada devido ao fato de estar em Língua Inglesa, mesmo considerando o recorte de linguagem utilizado na plataforma de busca), 2 livros e, por fim, 1 Trabalho de Conclusão de Curso (monografia).

De toda a produção mapeada, apenas 4 artigos propunham algum tipo de análise da personagem de Diadorim, levando em conta as performances de gênero apresentadas na obra, sendo estas utilizadas para compor o referencial utilizado, em vista de que 1 desses artigos é concernente a uma produção dos autores do presente manuscrito. O restante da produção se dividiu entre, majoritariamente, investigações sobre homoerotismo ou análise de narrativas fílmicas/novelas (teledramaturgia) a respeito de “Grande Sertão: Veredas”, sendo descartados apenas a dissertação em Língua Inglesa e um livro, que discute gênero mediante análise de uma série de animação japonesa.

4 A TRAVESSIA DE DIADORIM

O que intencionamos desenvolver no presente tópico é como Diadorim, Reinaldo, e também Menino, performou, majoritariamente, durante a travessia e os conflitos entre os bandos de jagunços, uma masculinidade, mesmo que emergissem, em sua performance, elementos socialmente estranhos aos contornos performativos esperados dentro de um bando de jagunços, em conta de que o desvio dessa masculinidade normativa lhe rendeu durante a obra o epíteto de “o delicado” (Rosa, 2019, p. 140).

O romance “Grande Sertão: Veredas” caracteriza-se como uma narrativa de Riobaldo a um ouvinte atento e silencioso que nada diz, mas, em alguma medida, interfere no narrado, tendo em vista que, durante a narração, Riobaldo se reposiciona, muda o foco da história, explica algum fato, condena seu desejo por seu amante-amigo mesmo que simplesmente para reafirmar sua “macheza” para si próprio ao classificar como “vexável afeição” (Rosa, 2019, p. 78)⁴.

Em uma ordem cronológica dos encontros entre Riobaldo e Diadorim, então menino, o primeiro momento em que seus caminhos se cruzam acontece, em uma cidade às margens do Rio São Francisco, onde Menino ao encontrar alguém de sua idade, lança um convite a Riobaldo para um passeio de canoa até a outra margem do rio, percurso no qual realizam os seus primeiros diálogos. Já na outra margem, enquanto conversavam um sertanejo aparece e pergunta se poderia participar daquela “sujice” (Rosa, 2019, p. 103), sugerindo que tal

⁴ As paginações atribuídas aos excertos foram retiradas de uma versão digital da obra publicada pela editora Companhia das Letras e, portanto, podem não corresponder a versões atualizadas, revisadas ou físicas do mesmo livro.

proximidade entre dois homens naquele contexto só poderia tratar-se de uma aproximação homoafetiva.

Diadorim/Menino então reage e demonstra a arbitrariedade dos gêneros ao brincar e armar uma armadilha para o sertanejo o seduzindo com contornos performáticos lidos e associados à feminilidade:

QUADRO 1 - Exceto de “Grande Sertão: Veredas”

“Você, meu nego? Está certo, chega aqui...” A fala, o jeito dele, imitavam de mulher. Então, era aquilo? E o mulato, satisfeito, caminhou para se sentar juntinho dele. Ah, tem lances, esses — se riscam tão depressa, olhar da gente não acompanha. Urutú dá e já deu o bote? Só foi assim. Mulato pulou para trás, ô de um grito, gemido urro. Varou o mato, em fuga, se ouvia aquela corredoura. O menino abanava a faquinha nua na mão, e nem se ria. Tinha embebido ferro na côxa do mulato, a ponta rasgando fundo. A lâmina estava escorrida de sangue ruim.

Fonte: Rosa (2019, p. 103, grifos nossos)

No excerto contido no Quadro 1, além de brincar com os limites arbitrários que definem as noções de gênero e as características atribuídas a eles, sendo a sedução uma característica comumente atrelada ao feminino, Diadorim aponta conhecer, em alguma medida, discursos que tentam feminilizar a homossexualidade masculina como uma forma de construção de alteridade e inferioridade. Mobiliza, portanto, tais recursos para então impedir possíveis avanços do sertanejo ao atacá-lo em uma armadilha, a prática demonstra uma virtude que o acompanha durante toda a obra, que é a coragem, mas, nesse caso, para enfrentar as possíveis violências direcionadas àqueles/as que experienciam e performam seus gêneros e sexualidades para além dos estreitos contornos da cisheteronormatividade.

Um ponto comum nas narrativas das Donzelas Guerreiras, que toma um outro contorno na obra Rosiana, diz respeito às desconfianças atreladas à identidade de Diadorim, que mesmo ao ser reconhecido como uma figura de valentia e coragem, digno até de afeições de seu grande chefe, e secretamente pai, Joca Ramiro, um pilar das representações de masculinidade entre os jagunços da obra, uma figura heroica e mítica, ainda assim, era perseguido devido às suas feições e aos seus hábitos incomuns dentro do bando:

QUADRO 2 - Excertos de “Grande Sertão: Veredas”

Mas Diadorim sendo tão galante moço, as feições finas caprichadas. Um ou dois, dos homens, não achavam nele jeito de macheza, ainda mais que pensavam que ele era novato. Assim loguinho, começaram, aí, gandaiados. Desses dois, um se chamava de alcunha o Fancho-Bode, tratantaz. O outro, um tribufú, se dizia Fulorêncio, veja o senhor. Mau par. A fumaça dos tições deu para a cara de Diadorim — **“Fumacinha é do lado — do delicado...”**

Fonte: Rosa (2019, p. 152-153, grifos nossos)

Diante do que foi exposto no Quadro 2, Diadorim reitera o apontamento de Louro (1997) a respeito dos gêneros se constituírem nas e pelas relações de poder (Lima e Cavalcanti, 2024), reafirmando sua “macheza” e como um movimento que refreasse qualquer escalonamento de questionamentos sobre sua masculinidade, que, de pronto, assassina Fancho Bode, como uma resposta à constante vigilância e questionamentos sobre sua constituição corporal e estética, protegendo-se por meio do medo que instaurou nos jagunços de tornarem-se alvos de sua lâmina e valentia.

As suspeitas e vigilâncias voltadas à constituição corporal de Diadorim surgem, em parte, pelos hábitos de cuidado realizados pelo jagunço:

QUADRO 3 - Excertos de “Grande Sertão: Veredas”

o Reinaldo e eu não estávamos com sono, ele foi buscar uma capanga bonita que tinha, com labores e três botõezinhos de abotoar. O que nela guardava era tesoura, tesourinha, pente, espelho, sabão verde, pincel e navalha. Dependurou o espelho num galho de marmelo-do-mato, acertou seu cabelo, que já estava cortado baixo

Fonte: Rosa (2019, p. 139)

No Excerto do Quadro 3, extraído da obra, vemos a preocupação de Diadorim com a manutenção do tamanho de seus cabelos, adequando-os aos padrões de masculinidade dos bandos. Além disso, destaca-se o contraste com a bolsa que portava com “lavores”, trabalhos manuais de um tipo de bordado, possivelmente adornando a bolsa, características delicadas geralmente associadas a utensílios femininos no ideário hegemônico dos estereótipos de feminilidade.

Mais adiante também é nos revelado que Diadorim possuía o hábito de tomar banhos noturnos, sozinho, em locais afastados dos assentamentos dos bandos. Esse fato que não despertava atenção de Riobaldo, “Sempre eu sabia tal credice, como alguns procediam assim esquisito— os caborjudos, sujeitos de corpo-fechado.” (Rosa, 2019, p. 128), pois reconhecia o fato como um costume comum a sujeitos com determinadas crenças, tratando-se, pois, de um tipo de ritual de proteção.

Podemos inferir, pois, que tais costumes de Diadorim se davam para proteger a identidade masculina que performava, mantendo-se, em segredo, características corporais que levantariam no sentido de colocar em cheque a sua “macheza” e pondo-o em perigo por se desviar dos limites socialmente construídos e legitimados sobre o qual deveria estar pautado o papel da mulher naquele contexto sertanejo, além dos lugares que deveriam acessar, agravados, violentamente, pela misoginia, violência e desumanização do feminino pelos bandos que, frequentemente, recorriam à prostituição ou ao estupro de mulheres vulneráveis nos locais em que passavam, como pode-se constatar por meio do seguinte

trecho: “Com não terem mulher nenhuma lá, eles sacolejavam bestidades. — “Saindo por aí,” — dizia um — “qualquer uma que seja, não me escapole!” [...] — “Mulher é gente tão infeliz...” (Rosa, 2019, p. 151).

A repetição dessas ações pode ser reconhecida como um trabalho pedagógico, nos dizeres de Louro (2008), realizados pelos tensionamentos e pelas violências recorrentes para com aqueles que não se adequavam aos ideais de masculinidade dos bandos de jagunços, sendo, portanto, também uma forma de Diadorim inscrever em seu corpo o masculino e os estereótipos e as características que lhe foram atribuídas. Diadorim em oposição a Riobaldo, visto como um homem de muitas mulheres, é representado como um sujeito assexual, que, apesar de sua beleza, não se relaciona com nenhum/a personagem da história de maneira a preservar a sua identidade, evitando exposições e suspeitas sobre seu corpo.

Ao nos aproximarmos com o fim da narrativa de Riobaldo, vemos que durante o combate com o bando do Hermógenes - o pactário - que, em conjunto com Ricardão, tramaram uma traição que dividiu o grande bando de Joca Ramiro e resultou na morte do pai de Diadorim. Em um combate físico, “na rua, no meio do redemunho” (Rosa, 2019, p. 567) Diadorim consumara a sua vingança contra o assassino de seu pai, contudo acaba falecendo no processo.

A esposa do Hermógenes, raptada pelo bando de Riobaldo Tatarana, que havia se tornado o grande chefe Urutu-Branco, se tornou amiga próxima de Diadorim durante a travessia, tendo decidido zelar por seu corpo após a morte, solicitara que todos se retirassem do quarto, exceto por Riobaldo.

Em momento algum da narrativa, Diadorim reconhece ou clama para si a identidade de ser uma *mulher*. No momento em que há a sua morte, é discursivamente construída sua feminilidade através da revelação das características morfológicas do seu corpo:

QUADRO 4 - Excertos de “Grande Sertão: Veredas”

Diadorim— nú de tudo. E ela disse!— **A Deus dada. Pobrezinha...** E disse. Eu conheci! **Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita...** Estarreci. A dôr não pode mais do que a surpresa. A côice darma, de coronha... **Ela era.** Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer— mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. **Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia,** como eu soluçei meu desespero.

Fonte: Rosa (2019, p. 571, grifos nossos)

O corpo de Diadorim, revelado após sua morte, vem à tona como uma justificativa para a sua construção discursiva como mulher para Riobaldo e a esposa de Hermógenes. Butler (1990), em diálogo com a teoria performativa de Austin (1965), argumenta que um

enunciado dá forma àquilo que nomeia ou possibilita que uma série de ações aconteça, ou seja realizada, com base no enunciado.

Por conseguinte, Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins nasce para Riobaldo, já morta, a partir dos atos de fala do grande chefe Urutu-Branco e da vestimenta feminina “A Mulher lavou o corpo, que revestiu com a melhor peça de roupa que ela tirou da trouxa dela mesma” (Rosa, 2019, p.572), utilizada para cobrir seu corpo no momento em que fosse velado na tentativa de enquadrar Diadorim em uma feminilidade nunca performada na obra pelo bravo jagunço, mediante a construção de uma coerência entre as características morfológicas de seu corpo e o papel social esperado para aqueles/as nessa condição baseada na lógica sexo-gênero-desejo presente em discursos utilizados para naturalizar os gêneros em uma lógica binária e cisnormativa.

5 DIADORIM E A SALA DE TEATRO: À GUIA DE CONCLUSÃO

Após o sepultamento de Diadorim e o debandar dos jagunços do grande chefe Riobaldo Urutu-Branco, após a conclusão da guerra motivada por vingança contra Hermógenes e os seus, Riobaldo empreende uma nova jornada em busca de informações sobre o passado de Diadorim e não encontrou, sequer, relatos sobre a infância de Maria Deodorina, “Só um letreiro achei. Este papel que trouxe— de bastistério” (Rosa, 2019, p.577), reiterando o que pudemos observar em seu encontro com Diadorim/Menino, em De Janeiro, e a travessia de canoa do Rio São Francisco, realizada por ambos ainda na infância. Diadorim viveu e performou a sua masculinidade na maior parte de sua vida.

A peculiar narrativa de João Guimarães Rosa mobiliza diversos elementos mínimos comuns a narrativas sobre as Donzelas Guerreiras, Diadorim/Menino/Reinaldo aparenta desde jovem ocultar características comuns ao sexo biológico feminino, vivendo em um contexto de constantes conflitos movidos por interesses oligárquicos de fazendeiros locais que patrocina os bandos, acompanhando seu pai Joca Ramiro, um quase lendário chefe jagunço, de forma que passa a servir talvez devido à falta de parentes conhecidos ou para a proteção do legado conquistado por Joca Ramiro e, após sua morte, traça uma trajetória de vingança em que Riobaldo se apaixona pelo amante-amigo.

A proximidade de ambos passa a ser um elemento que amplia a vigilância e os questionamentos sobre a masculinidade de Diadorim, fato que o persegue ao longo da narrativa, até a concretização de seu desejo de vingança, que resultou também em sua morte e, por consequência, na tomada de ciência de Riobaldo sobre suas características corporais e a construção discursiva realizada por ele de sua feminilidade e sua identidade como mulher.

Um ponto chave na reflexão de Diadorim como uma representação das Transgeneridades Guerreiras e como um personagem que viveu para além dos limites

binários dos gêneros é o fato de a história ser narrada do ponto de vista de Riobaldo, do que ele conta e do que oculta de seu silencioso ouvinte, mas ainda reconhecendo que “Meu corpo gostava do corpo dele, na sala de teatro” (Rosa, 2019, p. 174).

Riobaldo parece reconhecer que seu desejo por Diadorim não era construído unicamente por uma desconfiança mística, nunca apresentada na obra, de que seu amante-amigo era, na verdade, uma mulher performando uma masculinidade, por qualquer motivo que fosse, como parte da crítica tentou apontar, sendo esse um dos motivos que justificaria Riobaldo, um homem de muitas mulheres, possuir tal desejo.

Riobaldo sutilmente nos dá pistas de que seu desejo pode ter sido despertado pelo não-lugar que ocupava Diadorim, entre a masculinidade de um bravo guerreiro que performava, sua capanga bordada e suas “esquisitices”, como frequentemente se refere aos costumes de Diadorim, que se diferenciavam dos demais jagunços.

A análise aqui empreendida buscou demonstrar como Diadorim mobiliza estereótipos e características atribuídas às noções binárias de masculino e feminino, no contexto sertanejo, que se passa “Grande Sertão: Veredas”, na perspectiva de construção de suas performances e de sua identidade.

Reiteramos, portanto, a necessidade da ampliação de estudos literários que se proponham a analisar questões de gênero, sexualidade, raça-etnia, entre outras interseccionalidades, que emergem nas/das obras literárias a partir de um conjunto de estudos eticamente engajado, não redutor dos sujeitos e de suas performances sociais, reconhecendo, nos dizeres *foucaultianos*, a crítica literária especializada como uma instituição construtora de regimes verdades fundamentais, na produção e construção do mundo social, que produz discursos que podem atuar como mecanismos de exclusão ou resistência (Foucault, 1979).

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. New York: New York Press, 1965

BEZERRA, Fábio Alexandre Silva. **Linguística aplicada transviada: gênero e sexualidade nos estudos da linguagem em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar**. Campinas: Pontes, 2023.

BORBA, Rodrigo. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, v. 1, n. 9, p. 91-107, 30 out. 2015. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/10378/4862>. Acesso em: 10 nov. 2025.

BORBA, Rodrigo. Falantxs Transviadx: Linguística Queer e performatividades monstruosas. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 388–409, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35211>. Acesso em: 10 dez. 2025.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003 [1990].

CASTRO, Gustavo de; BESSA, Leandro. Crítica do silêncio temático em Grande sertão: veredas: uma leitura de Diadorim. **Revista Mídia e Cotidiano**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 109-128, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/341752030>. Acesso em: 18 set. 2024.

CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa. **Análise textual-argumentativa de processos de retextualização**: um cotejo entre a produção oral e escrita de alunos do curso médio técnico e alunos do proeja ensino médio. 2016. 320 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguísticas, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016. Disponível: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1361>. Acesso em: 18 fev. 2024.

CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa; FRADIQUE, João Pedro; GONZAGA, Gustavo Matheus Moreira de. Performatividades LGBTQI+: percepções de estudantes no ensino médio integrado e a formação para o mundo do trabalho. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 13 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 1-12, set. 2024. Disponível em: <https://www.fg2024.eventos.dype.com.br/anais/trabalhos/lista#R>. Acesso em: 05 set. 2025.

DOMINGOS, José. **Discurso, poder e subjetivação**: uma discussão foucaultiana. 4. ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal. 1979.

GARCÍA SURRALLÉS, Carmen. “La doncella que fue a la guerra: romance y cuento”. **Tavira**, n. 6, p. 5-24, 1989.

GUSMÃO, Roney. Entre a performance e a performatividade: (Re)visitando o gênero pelo campo da memória. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 316–340, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/48508>. Acesso em: 4 mar. 2025

LIMA, João Pedro Fradique de; CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa. O diabo na rua, no meio do redemunho...”: o queer/cu-ir em. **Revista Delos**, [S. l.], v. 17, n. 61, p. 1-25, 25 nov. 2024. Brazilian Journals. Disponível em: <https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/2837/1678>. Acesso em: 23 set. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAIA, Helder Thiago. “Transgressões canônicas: queerizando as donzelas-guerreiras”. **Cadernos de literatura comparada**, n. 39, p. 91-108, 2018.

MASSAUD, Moisés. **História da literatura brasileira**: devarismo e tendências contemporâneas. São Paulo: Cultrix, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de S. Análise qualitativa: teoria, etapas e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMf/>. Acesso em: 09 jul. 2025.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar**: gênero, sexualidade, raça e classe. São Paulo: Parábola, 2022.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2008.

PENNYCOOK, Alastair. Linguística Aplicada Indisciplinar como amálgama epistêmico. *In*: FABRÍCIO, Branca Falabella. BORBA, Rodrigo. **Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar**: Homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes. Campinas, Editora Unicamp, 2023. 47-78.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Recebido em: 30/03/2026

Aceito em: 15/07/2026